



A MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA E O MUNDO QUE SERÁ DEIXADO PARA AS FUTURAS GERAÇÕES

RAFAELLA RODRIGUES DA SILVA MANFRENATTI

RESUMO

Este artigo analisa as perspectivas de Edgardo Lander e Ailton Krenak sobre a "mercantilização da vida" e o futuro das gerações futuras. Ambos os autores compartilham preocupações com o impacto do pensamento neoliberal, destacando como a ciência, o conhecimento e o meio ambiente estão sendo comprometidos. Eles enfatizam a responsabilidade intergeracional e nos instigam a repensar nossos valores e práticas para proteger a diversidade cultural e ambiental. Suas vozes ressoam como chamadas à ação global para criar um mundo mais habitável e justo. O artigo conclui destacando a urgência de agir em consonância com suas preocupações para adiar o fim do mundo que estamos inadvertidamente contribuindo para criar.

Palavras-chave: Mercantilização; Saúde; Capitalismo; Cosmovisão; Meio ambiente.

1 INTRODUÇÃO

*“Não adianta pensar diferente se você não vive diferente.”
— Daniel Munduruku*

No cenário contemporâneo, marcado por profundas transformações econômicas, sociais e ambientais, as vozes de pensadores críticos ecoam como faróis orientadores, iluminando as interseções complexas entre a ciência, a mercantilização da vida e a responsabilidade intergeracional. Entre essas vozes destacam-se os escritos de Edgardo Lander, um cientista social venezuelano, e as reflexões de Ailton Krenak, um líder indígena brasileiro, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro da etnia indígena Krenak. Suas obras, notadamente "La ciencia neoliberal" de Lander e "A Vida não é útil" e "Ideias para adiar o fim do mundo" de Krenak, oferecem perspectivas profundamente críticas sobre a maneira como a ciência, a tecnologia e a lógica neoliberal têm impactado nossa compreensão da vida e do futuro das gerações vindouras. Nesta análise, exploraremos as conexões intrincadas entre a "mercantilização da vida" conforme abordada por Lander e a indagação poética de Krenak sobre o legado que estamos formando para as gerações futuras. No contexto dessas reflexões, emergirá uma compreensão mais abrangente das questões prementes que moldam nosso presente e nosso compromisso com um mundo mais sustentável e justo.

Essa discussão surge de uma questão formada pelas professoras da disciplina Seminário 1 no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde da EPSJV-Fiocruz. A questão que tentará ser respondida indaga como a partir dos textos de Ailton Krenak e de Edgardo Lander, assim como dos debates de sala de aula, se estabelece as relações entre a “mercantilização da vida” e a questão posta por Krenak “qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às gerações futuras?”.

No livro "La ciencia neoliberal" de 2008, Edgardo Lander debruça-se sobre a

influência do pensamento neoliberal na pesquisa científica e na construção do conhecimento, evidenciando como as forças do mercado têm penetrado na academia e na prática científica, muitas vezes comprometendo objetivos genuinamente voltados para o bem-estar coletivo em prol de interesses econômicos de curto prazo.

Por outro lado, Ailton Krenak, em suas obras "A Vida não é útil" de 2020 e "Ideias para adiar o fim do mundo" de 2019, nos convida a uma reflexão profunda sobre a relação entre as ações humanas e o meio ambiente, questionando nossa trajetória de destruição ambiental e cultural. A frase de Krenak, "Qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às gerações futuras?" (Krenak, 2020, p.33), ressoa como um lembrete contundente da responsabilidade que temos em relação às gerações vindouras e à preservação da diversidade da vida na Terra.

Nesta análise, exploraremos as conexões intrincadas entre a "mercantilização da vida", conforme abordada por Lander (2008), e a indagação poética de Krenak(2020) sobre o legado que estamos deixando para as gerações futuras. No contexto dessas reflexões, emergirá uma compreensão mais abrangente das questões prementes que moldam nosso presente e nosso compromisso com um mundo mais sustentável, inclusivo e consciente de sua história e do futuro que está sendo construído.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O método de pesquisa adotado para a elaboração do resumo expandido pode ser caracterizado como uma análise comparativa. Inicialmente, foi realizada uma leitura crítica dos livros de Edgardo Lander e Ailton Krenak, durante a qual foram anotadas as principais ideias, conceitos e preocupações expressas por ambos os autores. Os critérios utilizados para a seleção dos textos incluíram a relevância temática em relação à "mercantilização da vida" e à responsabilidade intergeracional, além da abrangência das questões discutidas no contexto do pensamento neoliberal.

Durante a leitura, foram identificados temas comuns, que foram estruturados em categorias para facilitar as comparações. Essa organização permitiu um contraste efetivo entre as abordagens dos autores em relação ao impacto do pensamento neoliberal na ciência, no conhecimento e no meio ambiente.

As comparações foram cuidadosamente elaboradas, considerando não apenas as semelhanças, mas também as diferenças nas visões dos autores. Essa reflexão crítica resultou na consideração das implicações das ideias discutidas, enfatizando a urgência de uma ação global para a construção de um mundo mais habitável e justo.

Por fim, as análises foram sintetizadas em um resumo expandido, que articulou uma narrativa conectando as vozes de Lander e Krenak em relação às preocupações contemporâneas. Esse método não apenas enriqueceu a compreensão dos textos, mas também fortaleceu a validade do estudo ao proporcionar uma discussão mais profunda sobre os impactos sociais e ambientais das ideias apresentadas pelos autores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Lucro Máquina de louco Você pra mim é lucro Máquina de louco”
BaianaSystem, *Lucro*.

A "mercantilização da vida" é um conceito fundamental nos textos de Edgardo Lander, notável cientista social venezuelano. Em suas obras, Lander (2008) explora criticamente como as forças do neoliberalismo e do mercado têm impactado diferentes aspectos da vida humana e da sociedade em geral. Nesta seção, discutiremos como Edgardo Lander aborda a "mercantilização da vida", incluindo exemplos práticos que ilustram esses impactos.

Um ponto crucial levantado por Lander é a comercialização do conhecimento científico. Ele argumenta que a ciência, antes vista como um bem público, tem sido progressivamente comercializada. Universidades e instituições de pesquisa estão sob crescente pressão para buscar financiamento privado, comprometendo a independência e a integridade da pesquisa. Por exemplo, muitos estudos têm mostrado como laboratórios farmacêuticos influenciam as pesquisas acadêmicas para favorecer seus interesses financeiros. Um caso notório é o escândalo do medicamento Vioxx, que, apesar de seus riscos significativos, continuou a ser promovido devido à forte influência da indústria sobre as pesquisas clínicas. Lander observa que "para ser competitivos em seus respectivos campos, investigadores, departamentos e universidades têm que acudir a fontes de financiamento corporativos e aceitar as condicionalidades que o acompanham" (Lander, 2008, p. 259).

As dimensões que a mercantilização da vida social alcança atualmente corroboram a análise de Marx sobre o caráter expansivo dessa questão: a necessidade de transformar primeiro o produto ou a atividade dos indivíduos em valor de troca, ou seja, em dinheiro, e o fato de que somente nessa forma coisificada é que se adquire e se comprova o poder social, revelam duas questões fundamentais: 1) os indivíduos produzem unicamente para e dentro da sociedade; 2) a produção não é imediatamente social, não resulta de uma associação que distribui o trabalho entre seus membros. Os indivíduos estão subordinados a uma produção social que se encontra além deles, como uma fatalidade; no entanto, essa produção social não está subordinada aos indivíduos que a utilizam como seu poder comum (Marx, 2011, p. 106).

Essa corrida competitiva capitalista resulta na priorização de pesquisas mais lucrativas em detrimento de questões sociais ou ambientais críticas. Além disso, Lander destaca que a globalização econômica impulsionou a exploração e a privatização de recursos naturais, que antes eram considerados bens comuns, como água, terra e biodiversidade. Um exemplo disso é a crise da água em várias regiões do mundo, onde comunidades locais perderam acesso a fontes de água potável devido à privatização e exploração por grandes corporações. Isso não só limita o acesso de comunidades a recursos essenciais, mas também degrada o meio ambiente, tudo em nome do lucro.

No "mundo das mercadorias", os indivíduos interagem com esses valores na medida em que se relacionam entre si, e é apenas no contexto dessas relações que devem ser reconhecidos como tais. Há uma relação social entre coisas e uma relação reificada entre pessoas, que são confirmadas pela opressão que se estabelece entre a classe possuidora e a classe despossuída, em diferentes níveis, moldando a historicidade de seu estatuto. Na sociedade burguesa, à medida que a produção capitalista avança, as relações sociais de produção se alienam cada vez mais dos próprios indivíduos, apresentando-se como forças externas que os dominam. Essa inversão de sujeito e objeto, característica da relação social do capital, expressa uma história de autoalienação humana. Ela resulta na progressiva reificação das categorias econômicas, cujas raízes estão na produção mercantil (Iammamoto, 2014, p. 48).

Os impactos sociais e a desigualdade gerados pela mercantilização da vida têm profundas implicações. Aqueles com recursos financeiros têm mais acesso a serviços essenciais, enquanto os menos privilegiados sofrem com a falta de acesso a cuidados de saúde e educação de qualidade. Lander critica a regulação pública, argumentando que "os Estados regulam cada vez menos, e as instâncias de regulação estão cada vez mais penetradas por interesses que, longe de representar o interesse público, representam as corporações" (Lander, 2008, p. 265). Essa dinâmica leva a situações em que medicamentos e serviços de saúde são tratados como mercadorias, exacerbando desigualdades.

Lander também aborda a redefinição da cidadania, afirmando que, à medida que os serviços essenciais são privatizados, aqueles que não podem pagar são excluídos da plena participação na sociedade, minando princípios de igualdade e justiça. A mercantilização da

vida apresenta desafios significativos para a democracia, uma vez que a crescente influência do poder corporativo sobre as instituições políticas mina a capacidade do Estado de agir no interesse público. Edgardo Lander argumenta que a "mercantilização da vida" representa uma ameaça à sustentabilidade social e ambiental, bem como à democracia. Seus textos chamam a atenção para a necessidade de repensar os valores e prioridades da sociedade contemporânea, a fim de enfrentar os desafios críticos que surgem da crescente influência do mercado sobre a vida humana e os recursos naturais.

Em paralelo, a perspectiva de Ailton Krenak sobre o futuro é profundamente influenciada por sua identidade indígena e suas experiências como líder e pensador. Em obras como "A Vida não é útil" e "Ideias para adiar o fim do mundo", Krenak (2020) apresenta uma visão crítica do que está em jogo para as gerações futuras e como a humanidade deve repensar seu relacionamento com o planeta e entre si.

Krenak destaca a importância das culturas indígenas e seus conhecimentos tradicionais como parte essencial da herança humana. Ele argumenta que essas culturas têm muito a ensinar sobre como viver em equilíbrio com a natureza e respeitar a diversidade cultural. Por exemplo, práticas de manejo sustentável em comunidades indígenas têm mostrado como a preservação da biodiversidade pode coexistir com a necessidade de subsistência.

Além disso, Krenak é um crítico incisivo da degradação ambiental e cultural que ocorre em todo o mundo. Ele aponta para a exploração insustentável dos recursos naturais e a perda de biodiversidade como questões críticas que afetarão o futuro das gerações. Ele denuncia que, enquanto a humanidade se distancia do seu lugar, "um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra" (Krenak, 2020, p. 11).

A pergunta fundamental que Krenak faz, "Qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às gerações futuras?" (Krenak, 2020, p. 33), encapsula sua preocupação central. Ele instiga os leitores a refletir sobre o legado que estamos construindo e como nossas ações atuais afetam as condições de vida das gerações futuras.

A responsabilidade intergeracional é enfatizada por Krenak, que argumenta que cada geração tem a responsabilidade de preservar o planeta e a diversidade cultural para as futuras gerações. Ele questiona práticas de curto prazo que prejudicam a longo prazo e pede uma abordagem mais sustentável em relação à terra e seus recursos.

Krenak sugere que é necessário que a humanidade repense seu paradigma de desenvolvimento, propondo uma visão que valorize a coexistência pacífica com a natureza (se entendendo como natureza), a preservação das culturas indígenas e a equidade social como elementos essenciais para um futuro mais promissor.

A perspectiva de Ailton Krenak sobre o mundo futuro é uma chamada à ação e à reflexão profunda sobre as escolhas que fazemos hoje e seu impacto nas gerações que ainda virão. Suas obras inspiram uma conscientização sobre a importância de preservar a diversidade cultural e natural da Terra, promovendo um mundo mais inclusivo, sustentável e responsável em relação ao futuro.

4 CONCLUSÃO

"Com o avanço do capitalismo, foram criados os instrumentos de deixar viver e de fazer morrer: quando o indivíduo pára de produzir, passa a ser uma despesa."
Ailton Krenak, "O amanhã não está à venda".

A análise das perspectivas de Edgardo Lander e Ailton Krenak sobre a "mercantilização da vida" e o futuro das gerações futuras revela uma convergência de preocupações profundas sobre os caminhos que a humanidade está trilhando e os desafios que enfrentamos. Ambos os autores, apesar de suas origens culturais e contextos geográficos

distintos, compartilham uma crítica incisiva à predominância do pensamento neoliberal e à sua influência corrosiva sobre a vida humana e o planeta. Lander (2008) adverte sobre como a ciência e o conhecimento foram progressivamente subjugados aos interesses comerciais, comprometendo a integridade da pesquisa e a capacidade da sociedade de tomar decisões informadas em prol do bem comum. Krenak (2020), por sua vez, coloca em questão as práticas predatórias que degradam tanto o meio ambiente quanto às culturas indígenas, alertando para o impacto a longo prazo dessas ações.

Ambos os autores enfatizam a responsabilidade intergeracional que todos compartilhamos. Krenak (2020) nos desafia a considerar o legado que estamos construindo para as gerações futuras e a repensar nosso relacionamento com a terra e seus recursos. Lander (2008) nos lembra que a mercantilização desenfreada da vida e da ciência compromete não apenas o presente, mas também o futuro, privando as próximas gerações de um mundo sustentável e justo.

Diante desse cenário, é crucial que futuras pesquisas explorem estratégias que possam mitigar os efeitos negativos da mercantilização da vida. Uma possibilidade é a investigação de modelos alternativos de financiamento para a ciência, que priorizem a independência acadêmica e o acesso ao conhecimento, evitando a influência de interesses corporativos. Além disso, estudos de caso que documentem práticas bem-sucedidas de comunidades que resistem à mercantilização e buscam alternativas sustentáveis podem oferecer insights valiosos.

As perspectivas de Lander e Krenak convergem em uma chamada à ação global. Eles nos incitam a repensar nossos valores, práticas e políticas, a fim de reverter a mercantilização da vida, proteger a diversidade cultural e ambiental, e garantir um mundo mais inclusivo e equitativo para todos. Suas vozes, vindas de diferentes partes do mundo, ecoam como lembretes urgentes de que temos a responsabilidade de moldar um futuro que seja verdadeiramente habitável e justo para as gerações presentes e futuras. Portanto, ao considerar as reflexões de Lander e Krenak, somos desafiados a agir em consonância com suas preocupações, a fim de adiar o fim do mundo que estamos inadvertidamente contribuindo para criar.

REFERÊNCIAS

IAMMAMOTO, M. **Serviço Social em tempo de Capital Fetiche**. São Paulo: Cortez, 2014.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Pesquisa e Organização Rita Carelli. 1º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LANDER, Edgardo. **La ciencia neoliberal**. Tabula Rasa, núm. 9, julio-diciembre, 2008.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.